

# Radical Paulistano

ORGAM DO CLUB RADICAL PAULISTANO

CAPITAL

Trimestre. . . . . 30000  
Semestre. . . . . 60000  
Anno. . . . . 120000

PROVINCIAS

Trimestre. . . . . 40000  
Semestre. . . . . 70000  
Anno. . . . . 130000

S. Paulo, Segunda-feira 7 de Junho de 1869.

Publica-se, por ora, uma vez por semana e professa a doutrina liberal em toda a sua plenitude, propugnando principalmente pelas seguintes reformas:

Descentralização;  
Ensino livre;  
Polícia electiva;  
Abolição da guarda nacional;  
Senado temporário e electivo;

Extinção do poder moderador;  
Separação da Judicatura da polícia;  
Suffragio direto e generalizado;  
Substituição do trabalho servil pelo trabalho livre;  
Presidentes de província eleitos pela mesma;

Suspensão e responsabilidade dos magistrados; tarefas nomeação para empregos públicos e igualmente títulos e condecorações;  
Magistratura independente, incompatível, e a escolha dos seus membros fora da ação do governo;  
Proibição nos representantes da nação de aceitar

nominação para empregos públicos e igualmente títulos e condecorações;  
Os funcionários públicos, uma vez eleitos, deverão optar pelo emprego ou cargo de representação nacional.

ASSIGNA-SE NA TYPOGRAPHIA DO « YPIRANGA » E NA RUA DA BOA VISTA, N. 29. AVULSO 300 RS.

## RADICAL PAULISTANO

S. Paulo, 6 de Junho

### A bandeira caminha!

Não com surpresa nossa, que confiamos sempre na mocidade, e muito no carácter paulista, mas com certa estupefação do público, estão sendo notados de um modo honroso e cheio de respeito alguns moços deputados da actual assembléa pela energia independente e franca, com que erguem-se no terreno das idéias, lançando de si a rede de preconceitos e conveniências.

Estão à frente daquele generoso grupo de leais batalhões do futuro—Campos Salles e Jorge de Miranda.

Firmes na estacada dos genuínos princípios da doutrina liberal, tendo em torno de si companheiros em tudo dignos delles, taes como Prudente de Barros, João e Bento de Paula Souza, Araújo Cintra, Campos Toledo e alguns outros, são elles na actualidade e naquelle recinto os que aos olhos do povo representam o povo e o futuro.

A nobre altivez, com que repellem a transacção das conveniências e a política das especulações, honra nelles as tradições heroicas da nobre e leal província de S. Paulo, já tanta vez postada na vanguarda da política liberal do paiz.

Honra lhes seja a esforçada abnegação!

A bandeira, que levantam, é talvez pezada como a cruz do Calvario, mas é a nobre, a leal bandeira do povo!

Honra aos moços, que de tal arte abrem escola aos velhos!

A crise actual do paiz é a repetição da legenda de Dencalhão e Pyrra:

Os justos e os honestos estão condenados a caminhar sem voltar os olhos para traz.

Dos destroços do velho mundo, que forem arremessando para longe de si, há de nascer a geração destinada a povoar o mundo novo.

### O programma do Centro Liberal

Na introdução do programma do Centro Liberal ainda encontrámos uma these digna de todo o reparo, e a respeito da qual faremos hoje algumas considerações.

Diz a referida introdução: «A descentralização, no verdadeiro sentido do self government, realisando-se o pensamento do Acto Adicional quanto às franquezas provinciais, dando ao elemento municipal a vida e a ação de que carece, garantindo o direito e promovendo o exercicio da iniciativa individual, animando e fortalecendo o espírito de associação e restringindo o mais possível a interferência da autoridade.»

Esta parte da introdução do programma do Centro Liberal de nos parecer contraria aos verdadeiros princípios fundamentaes da escolha sinceramente liberal, julgamos achar-se em contradição consigo mesma.

A descentralização no verdadeiro sentido do self government, não pôde ter lugar, senão quando as províncias de um império dirigem por si os seus negócios, quando elles, independentes do centro commun, estudam as suas necessidades, legislam sobre elles, e executam, sem interferência directa ou indirecta do poder central, aquillo que julgam útil ás suas necessidades particulares.

Só deste modo pôde existir uma verdadeira descentralização, sómente nestas condições pôde ter lugar o self government, no rigoroso sentido da palavra.

A ser isto uma verdade, e de difícil contestação, é fôr de dúvida que o Centro, proclamando como um dos fundamentos da escolha liberal a descentralização, no verdadeiro sentido do self government, devia consagrar imediatamente a eleição dos presidentes de províncias pelas respectivas províncias; ao menos assim o exigia a lógica dos princípios, a que era forçoso obedecer, ainda que as verdades fundamentaes da escolha liberal não o obrigassem a proceder de um modo identico.

O self government é o governo de si mesmo; nestas condições, é fôr de dúvida que as províncias não o poderão ter em quanto os seus presidentes forem de livre

nomeação e demissão do poder executivo, e não eleitos por elles, continuando assim o governo geral a intronizar-se na sua administração e nos seus negócios peculiares.

As atribuições de um presidente, em sua quasi totalidade, pertencem ao mundo da administração, e esta, pela sua própria natureza, não pôde competir senão à província; a não ser, pois, o presidente uma auctoridade constituída por esta ultima, mas uma creatura nomeada por s. m. e de sua confiança, teremos em vez de um governo liberal, a centralização com toda a sua força e os seus perigos, em lugar do self government, o governo do poder central, o despotismo imperial com todo o seu cortejo de males, e que tantos estragos tem causado a este desventurado paiz.

A vista disto, é evidente que o Centro Liberal, estabelecendo a descentralização, no sentido do self government, como um dos princípios fundamentaes do partido liberal, não podia, sem incoherencia limitar-lo logo depois, dizendo: «realisando-se o pensamento do Acto Adicional quanto ás franquezas provinciais;» por quanto nós não encontramos no pensamento desta lei a electividade dos presidentes das províncias pelas respectivas províncias. No caso contrario, para que essa redundância de frases e confusão de idéias, quando uma thêse mais comprehensivel, menos confusa e sophistica poderia vir a significar a mesma cosa:—electividade ás presidentes de províncias.

Si o Centro Liberal dissesse que era um princípio fundamental do partido liberal a descentralização no sentido do self government, realisando-se o pensamento do art. 1º § 1º do projecto de reforma aprovado pela camara dos deputados em 13 de Outubro de 1831, que

diz: «O governo do império do Brazil será uma monarquia federativa,» então concordaríamos que elle tinha consagrado a existencia de um princípio liberal, respeitando os preceitos da logica. Mas, proclamar a descentralização, deixando as províncias presas á tutela do poder central, dando a este o direito de nomear e demitir livremente a sua principal auctoridade, são para nós causas que se não pôdem ligar, por possuirem duas naturezas inteiramente contraditorias.

E, pois, fôr de dúvida que o Centro Liberal, na thêse que analysamos, além de não estabelecer um princípio liberal, procurou firmar a concordia de duas idéas que se repellem necessariamente.

Nós porém, mais harmonicos com o nosso modo de pensar, e menos timoratos na exposição das nossas idéas, queremos a descentralização como base do nosso governo, aceitando com franqueza e sem receio todas as suas consequencias.

Ha neste nosso modo de proceder, além de uma coherencia de princípios, um tributo de veneração e respeito á grande obra do partido democrático, manifestada oficialmente nesse projecto de reforma, de que já falámos, aprovado em 13 de Outubro de 1831 pela camara dos deputados, que então manifestara a opinião do partido liberal do paiz.

Essa bandeira, que continha em si as bases fundamentaes de um governo livre, o unico que poderia satisfazer as nossas necessidades e aspirações, foi entretanto rotas e despedaçada em suas bases essenciaes pelo senado, nas emendas que fez, aprovadas em 31 de Julho de 1832, e que, destruindo completamente a sua natureza e contrariando o seu sentido, fez com que o nobre esforço da revolução de 1831 abortasse em suas consequencias, nada se conseguindo de firme e durável para a democracia.

Entretanto o maior de todos os males não foi este de certo, mas a posição estacionaria, em que se collocou desde então o partido liberal, e as mistificações, porque fôr passando, e em que ainda procura permanecer. E' verdade que algumas tentativas locaes se fizeram em favor da liberdade, porém que, não possuindo um character generico, e sendo desviado do seu verdadeiro sentido, não poderão alcancar senão prejuizos para a causa do liberalismo e vantagens para o elemento imperial.

Foi no meio dessa confusão triste para o presente e assustadora para o futuro, que os radicais, tendo em mira a regeneração do partido liberal e a salvação do paiz, arvoraram a bandeira, que encerra em si todos esses dogmas fundamentaes, que o partido liberal tem sus-

tentado no correr de nossa historia politica, e principalmente nas occasões, em que elle tem sido chamado a manifestar francamente as suas idéias.

Assim pois o nosso programma está na historia do partido liberal: nós somos os verdadeiros liberaes históricos, fazendo reaparecer a bandeira liberal dos nossos avós, que parecia estar sepultada no sonho e no esquecimento.

Este grande serviço nos deve o paiz, este dever nós o cumprimos; e se nada mais podermos conseguir, o que é um impossível, ao menos podemos dizer que alguma causa tentámos em favor dos direitos do povo e da causa da democracia.

Feitas estas considerações, é fôr de dúvida, que o Centro Liberal, querendo a descentralização no verdadeiro sentido do self government, porém sujeita à nomeação dos presidentes de províncias ao imperador, não establece um principio fundamental da escolha liberal, mas uma opinião conservadora, tentando ligar a centralização com a descentralização, o principio liberal com o erro conservador, tendo em vista finalmente ligar objectos que nem se pôdem approximar. E', pois, o programma do Centro pela quarta vez incoherente e contraditorio. E' além de tudo, não pôde de modo algum representar a opinião do partido liberal histórico do Brazil, por quanto, não só é em demasia deficiente para esse fim, como está em muitos pontos em oposição com as idéas sustentadas por esse partido em nossa historia politica; o que já provámos, ainda que de um modo geral, mas nem por isso menos verdadeiro.

### A camara pensionista

Existe no meio da Europa, entre aquellas nações infatadas, mas submissas e circumspectas do mundo antigo, um povo imprudente, audaz e turbulento, que desadora pela sua liberdade, e abominá a tutela dos governos paternos—com um odio violento e desengonçado.

Todas estas antigualhas politicas resuscitadas pelos utopistas d'este século, como a independencia municipal, o jury, o parlamento e o voto do imposto, todas estas instituições democráticas, que esterilisam a auctoridade, todas estas ideas filhas do orgulho popular que pretendem nivelar o genero humano perante a lei, tudo isto existe no seio daquele desventurado paiz desde tempos imemoriais.

Já nos principios do seculo XIII, quando as nações europeas dormiam, na benventurança do absolutismo, um sonmo delicioso e profundo, aquella gente incorrigivel teve a insolencia de levantar a vela em presença do throno, e de erguer a mão contra o ungido do Senhor, obrigando-o a assinar um pacto de insubordinação permanente, a que deram o appellido de magna carta, e em que tanto se falla ainda hoje.

Era preciso soprar naquelle solo o germen da humildade e da obediencia, que enobrecem os povos e consolidam os governos.

Foi então que o Omnipotente suscitou a gloriosa dy-nastia dos Stuarts, veneranda raça de monarcas, que, apoiando-se nas paginas dos livros sagrados, baseavam no direito divino a legitimidade do despotismo, e iam entecer a linhagem da realza moderna com as divinas prerrogativas de David e Salomão.

Infelizmente, porém, aquelle terreno ingrato repeliu a semente abençoada. O povo inglez, povo de sediciosos indomaveis, não respeitou sequer a existencia do seu monarca. Carlos I desceu do throno para subir ao patibulo.

Tempos depois, morta a republica, e vingado o sceptro com o martyrio dos repreblos patriotas, tornou com elle o saudoso domínio d'aquelle familia predestinada.

Carlos II personificava a ordem, a moderacao, a justica, a razão de Estado e a liberdade bem entendida. Comprimia as consciencias, mas era para esclarecer-las, contrariava o poder legislativo, mas para embargar-lhe os excessos, violava a constituição, mas para aperfeiçoá-la, perseguia os liberaes mas para emancipar o paiz desse flagello, e, se ás vezes dissipava seguidamente os capitais do erario publico, não era outro o seu intuito senão arredar os obstáculos dos homens corrompidos, e ninguém dirá que haja meios cuja impureza não se deve.

Entretanto o maior de todos os males não foi este de certo, mas a posição estacionaria, em que se collocou desde então o partido liberal, e as mistificações, porque fôr passando, e em que ainda procura permanecer. E' verdade que o Centro, proclamando como um dos fundamentos da escolha liberal a descentralização, no verdadeiro sentido do self government, devia consagrar imediatamente a eleição dos presidentes de províncias pelas respectivas províncias; ao menos assim o exigia a lógica dos princípios, a que era forçoso obedecer, ainda que as verdades fundamentaes da escolha liberal não o obrigassem a proceder de um modo identico.

Entretanto um escriptor, aliás detestável, porém muito admirado pelos seus concidadãos, Junius, teve a ousadia de dizer: «Como hypocrita viveu e morreu Carlos I. Carlos II era um hypocrita de outra especie que merecia a morte no mesmo cadasfalo.»

Todavia, apesar das declamações deste pamphletista, apesar da celeuma dos historiadores britânicos, que não se cansam de detrahir a esse rei com os epithetos de tyranno e usurpador, não ha coração bem formado que deixe de invocar para a sua patria o governo de um príncipe brando, religioso e austero como aquele monarca.

Foi sob o memorável domínio desse bom rei, Carlos II, que a Inglaterra contemplou um espectáculo novo, uma surpresa extraordinaria, mas consoladora, que veio infundir gratas esperanças nos espíritos afeiçoados à ordem, à tranquilidade e à harmonia dos governos absolutos.

Foi então que se viu pela primeira vez na Inglaterra uma camara docil e cordata, que ouvia cheia de respeito a modestia os dictames do soberano, que tinha por norma a vontade do throno, e que com a mais digna altivez soube immolar a constituição e a liberdade, duas chimeras funestas em que o povo se abroqueia, aos altos interesses da segurança publica.

Não podendo esquecer as agradáveis finezas de seus leais vassalos, o rei dava-lhes continuamente as mais elevadas provas de fundo reconhecimento, e, para completar os seus favores, conservou a sembla durante desseito annos sem diss.

O povo, porém, sempre grosseiro, infiel e rebelde, não trêpidou em cuspir nas faces de seus representantes as mais duras afrontas, atigmatizando-os com o mais severo desprezo, e accusando-os solemnemente de servilismo, covardia e venalidade.

O que resume, porém, toda a insensatez da colera popular é o desuso com que esse povo, querendo nodear os seus mandatarios com uma designação infamante, assignou-lhos aos olhos da historia com o mais honroso dos titulos, o título de—Parlamento pensionista.

Parlamento pensionista, sim, nada mais honroso do que este nome!

Queriam porventura que os legisladores nacionaes, que devem ser em toda parte os tipos irreprehensíveis da probidade publica e privada, oferecesssem aos seus compatriotas um exemplo de escandalosa ingratidão contra o soberano que não se desdenhava de estender-lhes a mão cheia de ouro e de graças?

A quem deviam elles a vida, a força e o prestigio senão ao rei? E ha preço com que se paguem tais benefícios? Que muito pois, que, em troca de tanto amor, lhes dessem elles o apoio, a consideração e a honra?

Insignificante pago de tão extraordinario valimento, Nós estamos actualmente numa situação analoga.

Uma camara unanime e compacta escuta religiosamente as decisões do soberano, e converte-as em lei! pressurosa e sollicita, como o antigo parlamento francês sob o domínio de Luiz XI e Luiz XIV.

E' tal a boa vontade dos nossos legisladores, tanto se tem civilizado o parlamento brasileiro, que, em vez de discutir, registra os projectos ministeriaes, e de assembléa política acha-se transformado n'uma repartição de chancelaria imperial.

Invejável estado!

O orgulhoso Inglaterra, vinde tomar connosco o exemplo do verdadeiro sistema representativo!

Sim, congratulemo-nos todos!

Pois quem deve ser o constituinte dos corpos legislativos, o rei ou a nação? o rei ilustrado, magnanimo, júdicio, ou a nação estulta, ignorante, desconfiada e selvagem?

Ainda agora o vasto e insondável orçamento da fazenda acaba de ser aprovado silenciosamente, sem que um só voto discrepasse do quadrante real, sem que uma só palavra agitasse a superfície daquella imponente mudez!

Talvez o grão-vizir, vexado por um acanhamento inconcebivel, forcejava por salvar as apariências, suplicando aos augustos deputados que abrissem uma discussão larga e minuciosa...

Appellamos para os nossos concidadãos. E' necessário que este acontecimento estrondoso fique esculpido

A Biblioteca Harmonizante

no dia 5 de Junho

em traços lapidários nos anais de nossa política. E' preciso, pois, um característico indelel que grave na mente da posteridade a lembrança da assembleia legislativa de 1869.

E porque não havemos de chamar-a CAMARA PENSIONISTA?

Pensionistas do rei! Não receieis que lhes assente mal o nome por demasiadamente glorioso! Não!

Foi o rei que os escolheu, que os designou, que os elegeram; é o rei que os protege, que os sustenta e que os engrandece. Confessemos também que filhos mais extremos, não os ha, nem pôde haver.

S. M. portanto não os esquecerá. Hoje distribue-lhes sorrisos. Amanhã mandará dar-lhes a mezada.

Sejamos justos também para com elles. Já que não lhes podemos dar os nossos cofres, trabalhemos para dar-lhe a popularidade num termo significativo, chama-los a CAMARA PENSIONISTA!

#### O centro e os radicais

As mesmas medidas e as irresoluções, em política, provam a fraqueza dos partidos, e a sua incapacidade perante as nações.

LA VICONTINE.

Os programmes dos partidos são os estandares arvorados para os certames das ideias, e pensadamente postos na vanguarda das falanges combatentes.

A diversidade das ideias contidas nos programmes, proveniente de omissões, de restrições ou de acrescimentos de exigências, constitue—diferença de vistos, que tendem a extremar-se; esta diferença assinala e caracteriza as aspirações dos grupos, das facções e dos partidos.

O aumento ou a diminuição de exigências inscriptas nos programmes é o calculado estabelecimento da linha divisoria entre os grupos ou facções partidárias, que vivem da reflexão e do patriotismo, ainda quando provem de um ponto comum e almejam o mesmo desideratum.

Os partidos nada mais são do que os meios, directos ou indirectos de atingir a um certo e determinado fim, e, à semelhança dos exercitos, servem tanto para destruir as nacionalidades, como para a justa defesa dos países.

Três grupos ou facções formam espécies na ordem política-social; os centros que servem-lhes de ponto de partida.

E' tão absurda a identidade entre o gênero e as espécies, que delle decorrem, como a similitude entre estes, que são notadas pela sua dissimilhança.

Assim como a modificação de um pensamento importa precisamente a alteração de certo ordem de ideias pre-estabelecida, e constitue outra diferente, a modificação dos programmes acarreta a desmembração ou fraccionamento dos partidos.

Como em matemáticas o aumento ou a diminuição de uma unidade importa alteração manifesta das quantidades, nos programmes políticos o aumento ou a diminuição de aspirações precisam, de modo terminante, as diferenças das facções.

A prova inconclusa destes assertos importa, com aplicação ao Club radical e ao Centro do partido liberal, a mais formal negação do synchronismo, que estadistas e encarregados, alias notáveis, procuram mostrar, com summa habilidade, entre estas duas importantes porções do grande partido liberal.

O Club radical, visando os extremos da sociedade no Brasil, pretende e quer a realização do ebionismo político em toda a sua plenitude; o Centro, porém, evitando as lides terminantes, propõe com estudo atilamento, uma aliança amistosa entre o Olympo e o Golgotha.

O Centro não pôde aceitar o programa do Club sem declarar-se democrata.

O Club não pôde submeter-se às doutrinas do Centro sem que commetta um suicídio formal.

O Club procura com afoiteza reivindicar as glórias da nação nobilitando um grande povo abatido pelo Czarismo, e resgatando, com esforço, a autonomia individual usurpada pelas oligarchias partidárias.

O Centro, esclarecido pelas lições da história, veste-se de borel, à guisa dos frades paladinos da idade média, leva do trabuco e ameaça iracundo os ditadores arrogantes da situação.

O Club tem por fim de sua nobre missão o governo do povo pelo povo, e proclama sem rebuço a independência do cidadão; o Centro almeja sinceramente e invoca esforços pela obtenção de um governo livre para felicitar um povo degradado pelo trono.

O Club repela as fusões, como a causa primordial do enfraquecimento dos principios; o Centro, decanta com a mais profunda sinceridade as alianças como necessário meio de suprema salvação dos fracos.

Um prefere o martyrio dos palliativos das ignobres conciliações que aviltam, e marcha impavidamente ao encontro da victoria ou da derrota.

O outro, modifica-se para viver, antepõe às hecatombes da derrota o salvatio dos armistícios e aos accasos do futuro, confia o resultado final de sua causa.

Eis a diferença que distingue do Centro liberal o Club radical.

Identificá-los fôra empresa de nescio. Lutar pela victoria da democracia é a causa radical: cumprimos o nosso dever.

#### As aulas nocturnas

A emancipação do individuo é uma das grandes conquistas dos modernos tempos, é uma significação viva da liberdade constituída e portanto da realização dos direitos absolutos.

A intelligencia precisa de esclarecer-se para guiar o homem na senda do direito e da justica, para repellir o arbitrio e a força, que nestas épocas de confusão e de anarchia só procuram levantar o gladio destruidor, para derribar a grande obra da civilização.

Outro é ainda hoje, onde a vontade de um só homem se traduz em dogma tremendo em face de uma nação inteira; onde o capricho se legalisa e se escuda com as teorias do direito divino; onde não é dado ao povo que gema e desaparece, coimprimido pelos ferros da tyrannie, apontar o destruidor do seu bem estar e do seu futuro; é realmente grande e magestoso o espetáculo do individuo, que se levanta pela intelligencia e se robustece pela convicção, para sondar a fonte, donde se desprendem os males e as desgraças, que constantemente o fazem envergar.

E' com efeito a instrução a verdadeira columna da liberdade, é ella e só ella, que, esclarecendo os espíritos, os habilita para comprehendêr o verdadeiro mérito, aquilatando com justica o valor das ideias e a firmeza dos homens.

A grande America ahi está para confirmação desta verdade; as escolas, os jornaes, essas valvulas por onde se transmitem as suas necessidades palpitan, ahi se apresentam, impondo silêncio aos pessimistas calculados.

Entre nós, onde a iniciativa individual procura saudar de si esse peso incommodo de um poder sem limites; a idéia grandiosa do ensino popular já vai alastrando as suas raízes.

As escolas já começam a surdir, para em seus braços afigar os espíritos necessitados do saber, entornando-lhes no seio a luz da verdade e da religião.

A caridade é o seu movel, a verdade o seu fim.

A Loja America foi nessa terra, quem primeiro ergueu o brado de semelhante idéa, a elle se deve essa concorrência esplêndida de um sem numero de individuos, que anciãos procuram estancar a sede de instrução, depois de ter acordado aos reclamos do trabalho, material.

Aprender a ler é na realidade a maior das heranças, que mundo a mundo se pôde obter; e a maior das riquezas, que o espírito pôde possuir.

Saber ler é voar ao passado, descobrir dentre essas ruínas, acumuladas sobre o coração do mundo, alguma grande verdade assim oculta; é visar nos horizontes longínquos do futuro algum ponto certo, algum termo fatal dos esforços e trabalhos do presente; é reconhecer o grande todo da humanidade, alargando em esfera mais lata e mais franca as vistas da intelligencia, e não encerrando-a no estreito círculo de interesses pequenos e passageiros; é elevar-se até Deus, comprehendê-lo não por uma fé cega e sem razão, mas pela intelligencia e pelo coração, esclarecido e fortificado pelo saber.

Esperando que o exemplo seja imitado, saudemos com entusiasmo a Loja America. O mundo agradecido se curvará ante os seus esforços, e Deus lhe distribuirá as bençãos merecidas.

#### O embroglio Torres Homem

Segundo as ultimas notícias trazidas pelo *Donati*, foi excluído do senado o sr. Torres Homem por uma maioria de 19 votos contra 16.

Chamamos a atenção do publico para uma circunstância misteriosa, que demonstra evidentemente o carácter pessoal e a complicação, inextricável da nossa política. E' a seguinte: entre os augustos representantes que apoiaram com o seu voto a eleição do s. ex. figura com estreito cinco nomes liberaes, os srs. Olinda, Silveira da Motta, Octaviano, Souza Franco e Dias de Carvalho, e no meio da oposição que o repelliu apresenta-se em relevo o sr. barão do Cotigipe.

Qual a chave deste enigma?

Por um lado não é fácil compreender a desunião dos ministros conservadores, que se patenteou irrecusavelmente pela atitude contraria em que se colocaram os srs. Morilho e Cotigipe.

Que motivo induziria o sr. Cotigipe a enfileirar-se na legião adversa ao corregionario que os seus amigos defendiam tão calorosamente, e que o seu collega o sr. Moritiba auxiliou com o seu apoio?

Si os nobres ministros hão tão pouco tempo converteram em questão ministerial a exclusão do sr. Salles, Marinho, desenvolvendo contra elle todo o apparato oficial do governo, como é que agora, quando se trata de um corregionario cuja entrada no senado foi a causa ostensiva de sua ascenção ao poder destronou deste modo a solidariedade do governo? Si o ministro 3 de Agosto tomou como questão do gabinete a exclusão do sr. Torres Homem, não era lógico que o ministro Itaborahy considerasse, do mesmo modo a sua admissão, quando ella se havia revelado de um character politico, e quando o governo actual ha tão

poucos dias infundio esse character a uma questão analoga?

Depois, basta attender a que a candidatura de s. ex. essencialmente conservadora, e como tal adoptada pelos seus corregionários, tinha em seu favor os títulos mais serios para que um dos membros do gabinete conservador, o chefe presumptivo do futuro ministerio, não renegasse publicamente com um voto a que as circunstâncias concorriam para dar uma significação extraordinaria.

Por outra parte que principio, que plano, que calculo superior reduziu em propo do grande sacerdote conservador a opinião daqueles cinco membros do partido liberal?

Alguem já se havia lembrado de que o partido imperial, querendo dar ao paiz uma prova da sua austeridade, e mimosear ao mesmo tempo o seu corregionario com uma designação formal, reprovasse a eleição do sr. Torres Homem para mandar eleger-lo segundo todos os estilos constitucionais?

Agora, porém, um comunicado impresso no *Jornal do Commercio* veio desorientar os mais abalados charadistas.

Por este artigo, que tem todos os symptomas de uma ferida recente e dolorosa, e que a malícia de alguns levianos tem chegado a atribuir ao proprio sr. Torres Homem, parecem anunciar-se grandes e inopinadas transformações na atmosfera politica do paiz.

Será porventura algum prenúncio longinquo de nova arribação?

Quem sabe se as brisas remolas da primavera já não começam a ameigar a aza veloz das andorinhas?

Quem sabe...

Para perfeito esclarecimento dos nossos concidadãos oferecemos-lhes um documento importante do processo. Leiam-no e julguem. E' a correspondência do *Jornal do Commercio* que ha pouco mencionamos.

E' estratagema ou despeito? Timandro, o converso, aspirará a novas conquistas?

O paiz que aprecie...

#### O ILUSTRADO SR. SALLES TORRES HOMEM

A anulação da carta senatorial deste vulto do partido conservador veio patentear aos olhos de todos que o velho partido da ordem (de tão ricas tradições) já não existe, e que restam apenas vestígios dos seus estragos! Para se absolver o abandono em que o governo de 16 de Julho deixou correr no senado a eleição do ilustre conselheiro de estado sr. Torres Homem, vem-se tornar por madrinha a *imparcialidade daquella corporação*, como si hoje em dia alguma auctoride na justica dos partidos.

Um candidato da força do sr. Salles, conselheiro de estado, muito ilustrado, alvo da subida dos conservadores ao governo do paiz, combatida a sua eleição pelo autor do *desacerto* (que, honra lhe seja feita, sahirá-se vitorioso no senado), com parecer da comissão de poderes, assignado até por um oposicionista, não era digno do cerra fleiras dos conservadores?

E nem se diga que nisto existiria violencia de partido, porque o velho conservador o sr. Torres Homem achava-se revestido e fortificado com o parecer de toda a comissão, e com o apoio de muitos liberaes, tais como os srs. Octaviano e Souza Franco.

Si os adversários prestaram homenagem à validade da eleição da primeira columna conservadora, porque tantos conservadores, e um ministro, amigos políticos de s. ex., tornarão invalida aquella eleição?

Expliquem-se.

Reparam ainda que acharão má vontade da parte do estragado partido conservador ao sr. Salles. O seu orgão, o *Diário do Rio*, havia, há dous dias, cantado vitória e proclamado como legítima a eleição do sr. Torres Homem, dando por *BATIDO* o autor do *desacerto* (o sr. Zacharias) pelo sr. barão das Tres-Barras, defensor, por parte da comissão do senado, daquella eleição.

Quem não vê em tudo isto incoherencia política, falta de disciplina no partido?

Quanto a nós, conservador da velha guarda, com maus confessamos-nos destruídos.

Ora, é um guerreiro general, chefe de partido, dando a guerra por fôrça, e o governo CONTRADIZENDO-o; ora, é um ilustrado conselheiro, summidade do mesmo partido, que declara sua eleição legítima e muito legítima, e é combatido e annullada essa mesma eleição com o concurso dos seus amigos!

De tudo quanto relatamos, dêem-nos que, tendo o sr. Salles parecer em seu favor, governo de sua politica, senado em maioria, e amparado por liberaes, fosse sacrificado pelos seus corregionários!

Não remediei nada, não consola a victimas que se dê o senado por imparcial, quem tinha por si todos os elementos, até os adversos!

Procure-se a razão do desmantelamento do partido na frieza com que se portou o governo para com a eleição do sr. Salles.

E senão digam-nos:

Não havia dito o honrado sr. conselheiro de estado o sr. Torres Homem que a sua eleição era valida, e não foi s. ex. acompanhado por todos os conservadores da província do Rio Grande do Norte?

Não o declarou o grande organo do partido conservador, o *Diário do Rio*?

Ha de custar-nos a crer que o sr. Salles appelle para

sua reeleição, no domínio de amigos que o sacrificariam, e desmentirão categoricamente tudo quanto s. ex. avançou a favor da sua legítima eleição senatorial.

Não foi, pois, fôrça o *Diário do Rio* quando dâ como certo esse passo de s. ex.

A ilustrada redacção ha de permittir-nos que não ponhamos embargos, depois, e desde que deixou suas palavras ter EXPRESSÃO E FORÇA no seu partido.

UM CONSERVADOR.  
(*Jornal do Commercio*.)

#### Finanças

A comissão de orçamento, no seu parecer a respeito da proposta do governo que fixa a receita do imperio para os exercícios de 1869 a 1870 e 1870 a 1871, faz as seguintes confissões que incumbem registrar para ciência da nação:

Primeira. — « A despesa do imperio está orçada em 83,435,464,803. A receita, incluindo 6,701,000\$000, estimativa dos novos impostos estabelecidos na lei de 1867, approximam-se-ha de 73,056,000\$000. Resulta um deficit de 10,379,454,803. »

Que admiráveis não são, pois, os recursos do ministerio da fazenda!

Adverte-se que em 1867 o nosso deficit orçava pela mesma quinta, e daí uma de duas: ou os onerosos impostos que se votaram para cobrir essa diferença foram ineficazes, e neste caso devem sê-lo tambem os actunes, pois a despesa, e portanto a dívida, não tem cessado de crescer, ou a má administração Itaborahy é a fonte exclusiva desta aggravação que se patenteia na penúria de nossos cofres.

Segunda. — « A guerra do Paraguai tem nos consumido cerca de 350,000,000\$000. Não se terminou ainda. Exige sacrificios constantes, crescentes e extraordinários. Cada vez mais se augmentam as despesas com a continuação da guerra, e a dívida publica cresce com o seu andamento. »

Terceira. — « Os juros pagos annualmente quer com a dívida fundida, interna ou externa, quer com a fluctuante, incluidos os excessos de cambio para a remessa de fundos, approximam-se à 29,000,000\$000, isto é, mais da terça parte da renda geral. »

Ora, si a guerra proseguir, não podendo ser a despesa deste anno menor que a do anterior, teremos um despendio de 107,000,000\$, por conseguinte mais de 7,000,000\$ de premio, os quais, acrescentados aos 29,000,000\$ já mencionados, completam a somma de 36,000,000\$ que a dívida ha de desembolcar só em juros, isto é, metade da nossa receita que, segundo a comissão da camara silenciosa, não

oscilações da vontade, busca dar-lhe a melhor direção.

Aquela força é a liberdade.

Esta voz interior é a razão.

Ela gema quando o homem é livremente conduzido por sua vontade a praticar uma ação má.

Ela se alegra quando o homem, apesar dos impulsos da vontade, pratica uma ação boa.

Liberdade, vontade, razão, eis o círculo em roda do qual vão mover-se todos os actos humanos!

A liberdade escolhe, a vontade quer, a razão censura ou louva.

A educação paterna encarrega-se de desenvolver e dirigir todas estas faculdades, collocando em primeiro lugar a razão. Só é justificável a intervenção do Estado no caso de completo abandono.

Mas o homem não vive só para a família, precisa cultivar sua inteligência, assim de poder prestar serviços à sociedade, à qual tudo deve.

Para avaliarmos a importância deste dever basta recordar que cada homem utiliza-se do trabalho de todas as intelligências. Sendo assim, por mais que se esforce e trabalhe, nunca poderá retribuir o benefício recebido.

Esta observação é suficiente para justificar o direito que tem o Estado de obrigar todos ao cultivo de sua inteligência na proporção e extensão exigidas pelas profissões que livremente escolher cada um.

Não autorizando o exercício de profissão alguma sem que o individuo tenha provado que possui a série de conhecimentos necessários, o estado cumpre seu rigoroso dever; mas não deve intervir por modo algum na direção daquela ensino.

Entretanto o que vemos nós?

O altar e o trono alliam-se para estender o véu negro da ignorância sobre toda a extensão do nosso Brasil. Um bispo tresloucado expulsa todos os mestres do seminário de S. José e os substitui por padres lazistas. O governo demite professores públicos quando estes, supondo-se cidadãos de um país livre, votam nos candidatos da oposição. O ensino publico vai ser monopolizado pelos jesuítas.

Vem aqui à propósito reproduzir algumas palavras que escrevemos, há meses, e foram publicadas em um jornal desta capital:

« O altar e o trono. Eis a origem do partido conservador! Dessa aliança monstruosa não podia nascer sião o despotismo representado por aquele partido.

« São os conservadores os auxiliares do trono.

« São os jesuítas os auxiliares do papa.

« Quando o trono e o altar se dão as mãos, jesuítas e conservadores fundem-se em um só partido.

« Entregam ao clero a educação do povo.

« Innoculam no país o fanatismo, promovendo a imigração de fanáticos de outros países.

« Nem se diga que declamamos. Ah! vão os factos:

« Começou a desembarcar em nossos portos grande número de alemães. Algumas colônias se fundaram, que ainda prosperam no país.

« Uma força desconhecida paralisou essa corrente.

« O colosso americano nos abriu os braços, oferecendo-nos aliança ofensiva e defensiva, que teria salvado o país das humilhações porque vai passando, e da bancarrota que nos ameaça. As populações do sul da América voltavam enciosas suas vistas para o Brasil. Mais de duzentas mil famílias, ricas e industriosas, queriam facilitar este paiz, trazendo-lhe suas fortunas, intelligências e braços. Não vinham, como outros, ganhar nosso dinheiro e retirar-se. Queriam ser brasileiros, queriam que o Brasil os aceitasse como filhos.

« Uma força desconhecida fez abortar esse projeto.

« Tiveram medo dos alemães.

« Tiveram medo dos americanos.

« Na correspondência do Mercantil, na Inglaterra vemos descobrir a decifração do mistério.

« A única imigração que posso corresponder às vidas do governo imperial é a imigração católica Irlandesa.

« Irlandeses aceita sempre a ditadura do parocho, não só em coisas espirituais, como em negócios políticos.

« Os Irlandeses, dizia o diplomata conservador, sr. Sergio Teixeira de Macedo, são bárbocos nos seus bairros; mas voltam sempre com acerto.

« Os alemães, pelo contrário, que nos seus bairros observam muito respeito e ordem, votam nas eleições com os turbulentos.

« Os Irlandeses consultam o padre, antes de votar, e seguem seus conselhos.

« Os alemães trazem a cabeça cheia de teorias...

« Eis aí a decifração do mistério!

« Si nossas matas estão desertas; si nossa lavoura desfaz por falta de braços; si, apesar da extensão e riqueza de nossa terra, somos uma nação pequena e fraca; à quem devemos agradecer estes bellos resultados?

« Ao domínio conservador, aos diplomatas conservadores, ao sr. Sergio Teixeira de Macedo.

« Eles não querem colonos que saibam lavrar a terra, e tragam teorias na cabeça.

« Eles querem fanáticos que saibam rezar, e que, nas eleições, recebam do padre a cedula que vão depositar na urna.

« O governo imperial (o mesmo que ainda continua no poder e acaba de fabricar uma camara unânime) concede agora passagens de 7 libras aos Irlandeses católicos, que desejem cá vir estabelecer-se. Offerece também terras, e adeanta instrumentos de lavoura com vantajosas condições:

« São desordeiros; mas recebem a cedula do padre.

« Os alemães são laboriosos, reina entre elles socorro e ordem, disse o sr. Sergio de Macedo; mas pensam, antes de votar, trazem teorias na cabeça; não podem convir ao governo do Imperador!

« E por isso que o sr. Itaúna quer obrigar os directores de colégio a levarem seus meninos to das as semanas à explicação do catolicismo pelo padre.

« Os mestres ensinam no colégio o catolicismo. De nossos pais aprendemos a amar a religião. Vamos a igreja ouvir missa, confessar e comunicar, quando nossos pais e mestres julgam chegada a occasião oportunista.

Tudo isto não basta. E' necessário receber directamente a lição do padre; é necessário que o façamos por ordem do sr. Itaúna; é necessário que nossa educação seja igual dos Irlandeses católicos, que recebem a cedula do padre porque não trazem teorias na cabeça.

Reproduzindo as linhas ácimas foi nosso fim mostrar que não poderemos ter no Brazil ensino livre, enquanto não afastarmos doutras grandes embarracos:

Os jesuítas e os conservadores.

(Continuaremos.)

## COLLABORAÇÃO

### Política conservadora

Perseguem os liberais!

Mas que importa? A arvore da liberdade é muito grande; podeis cortar os seus galhos, porque, quando

chegardes aos ultimos, já outros terão brotado.

A liberdade dos individuos está suspensa.

O cidadão já não acha em sua casa um asilo inviolável e sagrado.

A sua vida já não é garantida.

E ousais dizer que este infeliz Brazil é um paiz governado pela monarquia constitucional?

Quando a constituição for respeitada; quando os poderes políticos girarem cada um na sua esfera; então pode dizer isto.

Hoje porém a corrupção tem lavrado em grande escala.

E como, não ha de ser assim se o exemplo nos vem de cima?

Si o nosso monarca foi educado do mesmo modo que Carlos III, no seguinte princípio:

Qui nescit dissimilare, nescit regnare?

Lembrai-vos, porém que a realza não é sião um cargo público, de que tendes de dar contas, muito severas depois de vossa morte, que a vossa família pode sofrer com isto.

E nem se diga que declamamos. Vede esses infelizes individuos de Lorena, que acabam de ser pronunciados no art. 192 pelo único crime de terem abraçado a santa causa da liberdade e de terem amado seu paiz.

Olhai simplesmente para essa peça magestosa publicada pelo chefe de polícia.

Quando tiverdes lido e examinado parte por parte este imenso relatório convencer-vos-heis, que é já tempo de despertar desse sonmo profundo que se tem apoderado de nós.

O motivo invocado pelo relatório de serem os presos mandantes do bárbaro assassinato do coronel José Vicente vai completamente desaparecer com as reflexões seguintes:

Diz o relatório, na 1.ª coluna, que o chefe de polícia chegou a Lorena no dia 2 de Março.

Na segunda coluna diz:

« No dia 13 a viúva do coronel José Vicente deu a sua queixa.

Vede e admirai!

A pessoa mais interessada na punição dos culpados, isto é, a mulher do falecido coronel, sabe que se acha em Lorena uma auctoridade, que foi unicamente tratar do processo contra os assassinos e não se lembra de mandar a sua queixa sinão no dia 13!

Ela já sabia quaes eram os criminosos, pois que, como diz o relatório na 3.ª coluna, a opinião publica unanimemente indigitou estes individuos como mandantes do bárbaro assassinato.

E entanto só depois de passados muitos dias é que elle apresentou a sua queixa!

Isto porém ainda podia ser atribuído a desleixo, por isso passarmos adante.

No 3.ª coluna diz elle:

« Resolvida e decretada a morte do coronel José Vicente não foi confiado o plano urdido sinão a João Maximino, incapaz de fazer a menor declaração.

Ainda diz mais abaixo:

« Teve a cautelosa reserva de não fazer menção dos nomes do padre Manoel Theotonio, e Vicente Luna quando referiu ao preto Vicente os nomes das pessoas importantes implicadas no crime.

Logo, concluiu, o único capaz de acusar a estes era João Maximino.

Porém, se esté nada declarou nem antes da inquirição nem esta, como se chegou ao conhecimento de que estes dois individuos se achavam implicados nesse crime atra?

Será porque como diz o relatório é elle creature cega e humilde do padre Manoel Theotonio e fator de Vicente José Luna, que se conclui que estes eram os mandantes?

Portanto, se assim fosse, esta circunstancia, da que se acha tirar sinão na prova indicária, é quase que a única que pode pronunciar um individuo no art. 192?

Não vedes que assim não havia segurança possível para o individuo, que vivesse isolado?

Não vedes que assim, em lugar de ser uma vantagem a vida social, era pelo contrario prejudicial ao individuo?

Si algum dia um escravo vosso commeter um assassinato, o encarregado da formação da culpa poderá concluir que foste vós o mandante e pronunciar-vos no art. 192 do código criminal.

Vede bem as consequencias que emanam desta teoria.

Diz mais o relatório na coluna 3.ª:

« Si não ha prova plena nos autos de que foram mandantes do crime os liberais indigitados, ha prova indicária ou circunstancia etc.

E mais abaixo:

« Nenhuma dúvida resta, está plenamente verificado que a morte do coronel José Vicente de Azevedo foi um assassinato político!

Contradição palpável!

Não quer o chefe de polícia que se falla em perspectiva política e no intanto esta contradição vem demonstrar claramente.

Bem-se vê o espírito que dominou o autor do relatório publicado no Diário de 20 do corrente.

No 1.ª parte, levado-pela evidencia dos factos e pela falta completa de testemunhas, declarou que não havia prova plena.

No 2.ª parte, dominado por um miserável espírito de partido, pois a outro motivo não pode elle ser atribuído, disse que estava plenamente verificado.

Com que segurança ousais afirmar que foram elles os mandantes e pronunciá-los no art. 192?

Ja mostrei que essa pronuncia, fundada unicamente em uma prova indicária fráquissima, não podia de nenhuma sorte ser justa; por isso esperamos da justiça do tribunal da relação que essa pronuncia não será sustentada.

Quando se puder punir um individuo por simples indícios fráquissimos não haverá liberdade possível nem garantia aos direitos do homem.

Para satisfazer á uma paixão deixa-se que os verdadeiros mandantes fiquem impunes e talvez praticando hoje outros factos semelhantes.

Infeliz Brazil.

... e prendem assim de que possa lutar contra seu opressor.

Todos os brasileiros que (contra a vontade do soberano, o qual só deixa para o povo as trevas do espírito,) interveram a felicidade de prender a iher, percorram uma por uma as páginas da nossa constituição; meditem com calma sobre as instituições rechiticas e progressistas do nosso piz, sobre essa monstruosidade política que se chama —poder moderador,—hydra formidável, ante a qual tudo desaparece, até a magestade do povo; reflectam mais ainda sobre os funestos resultados que provem da realização prática destas instituições, e estam certos de que encontrarão ali a causa dos tropécos constantes que nos impedem de caminhar.

O governo do povo não é a maxima que hoje deve achar-se no frontejo das legislações de todos os povos civilizados, foi completamente esquecida na constituição, que infelizmente nos rege.

A eleição directa é a única que pode atingir este grande resultado.

O povo não carece de intermedio de alguém para manifestar a sua vontade; elle mesmo distingue e conhece quais são os homens que, por sua probidade, suas luzes e seu amor ao progresso geral, estão no caso de merecer a sua escolha. Estes serão então os legítimos representantes da nação, enquanto aqueles, cuja eleição é feita por intermedio de um certo numero de individuos, estão longe de poderem honrar-se com a mesma origem.

Nada de ficções: é realidade ácima de tudo.

O povo precisa fiscalizar de perto os seus interesses; ninguém é tão competente como elle para semelhante fim.

Si os brasileiros tivessem tido a felicidade de se regerem por estes principios, não haveríamos de lamentar os desmandos de um poder, que trabalha sem cessar para a nossa ruína.

E já demasiada tolerância; levantemo-nos quanto antes para repelir as tendências despoticas que nascem do alto do trono; e acabemos com tantas barreiras que nos embargam a marcha e conservam-nos fracos e imóveis, em quanto as outras nações da Europa e América, soltas de tão funestas cadeias, lá vão subindo... sempre subindo nas asas da liberdade.

Accordemos a tempo!

A. C. B.

## CHRONICA

### Lenha para a fogueira

Informam da carta que o famigerado bispo fluminense prohibiu alli que as lojas maçônicas celebrassem nas igrejas funerais em sufragio do visconde de Inhaúma.

Eis aí os proprios defensores do altar e do trono a ajuntarem lenha para a fogueira que ha de em pouco tempo reduzir a cinzas os palacios e grandezas do nosso... Sardanapalo

**Polícia política.** — Na terceira coluna do relatório do chefe de polícia sobre os negócios de Lorena lê-se o seguinte



SORTIMENTO ESPECIAL D'ARTIGOS D'ESCRITORIO, D'OBJECTOS DE FANTASIA, DE PAPEIS PINTADOS, DE LIVROS, ETC., ETC.

PAPEIS

Papel de peso.  
— para cartas.  
— para luto.  
— de fantasia.  
— para desenho.  
almasso.  
fôretta.  
Hollanda.  
mata borra.  
para matar moscas.  
para musica.

OBSERVAÇÃO:  
Marca-se gratuitamente com as iniciais do comprador, todo o papel comprado em nossa casa.

ENVELOPPES  
Envelopes comerciais.  
brancos.  
— de côres.  
— de fantasia.  
forrados de panno.  
— redondos.  
— para cartões de visita.

A. L. GARRAUX

LIVREIRO DA ACADEMIA

Nº 9, Largo da Sé, Nº 9

ARTIGOS  
DE ESCRITORIO

Pennas Mallat.  
— de varias qualidades.  
Lapis Faber.  
— de pedra.  
— de côres.

Canetas de pão, de borracha, de osso, de marfim, etc., etc.  
Canetas com penas de ouro, de ponta de brilhante.

Tinteiros de vidro.  
— de bronze.  
— de porcelana.  
— de fantasia.  
— de viagem.

Areteiros de vidro, de madeira, etc.

Arete dourada, de côres, etc.

Canivetes.

Facas de cortar papel, de marfim, de sasso, etc.

Sinetes, etc., etc.

SAO PAULO

ARTIGOS  
DE FANTASIA

Caixas de costura.  
— de perfumaria.  
Papeleiras de luxo.

Caixas de guardar joias.

Bolças para senhoras.

GRANDE SORTIMENTO

De benitos artigos de metal, de velludo, de marfim, etc.,

proprios para presentes, para festas, etc., etc.

CHARUTEIRAS DE GOSTO

ETC., ETC.

PAPEIS PINTADOS PARA FORRAR CASAS

Sempre existe o mais variado, o mais completo sortimento de paipes pintados de fabricação francesa, desde o preço de 500 réis a peça para cima. Guarnições, Rodapés, etc., etc.

Encarrega-se de qualquer encomenda para a Europa. — Assignaturas para os jornais estrangeiros. — Preços modicos.

6244. — Paris, imprimerie Poitevin, rue Damiette, 2 et 4.

LIVRARIA

Livros de direito.  
— de literatura.  
— de devocão.  
— de educação.  
— de homœopathia.  
— de missa, com capa do velludo, de marfim, do fandropêrola, de tartaruga e de marroquim.

LIVROS COMMERCIAES  
DIARIO, RAZAO, CAIXA

Livros para assentos.  
— de copiar cartas.  
— para apontamentos.  
— de luxo para presentes.  
— latines, franceses, portugueses, ingleses, etc., etc.

Tinta de copiar cartas.

Manda-se gratuitamente o catálogo da casa, em qualquer ponto do Imperio, sobre pedido.

CASAS

Vendem-se em Santos as de sobrado da rua do Sal, ns. 20 e 24, com espacosa salas, bem como as sitas na rua de S. Bento ns. 14 e 14 A. Casas de deposito de café, são todas proximas á estação da estrada de ferro e proprias para armazém. Para tratar-se, em Santos, com o sr. João Joaquim Borges, rua da Praia, ou no Rio de Janeiro, Ladeira do Senado n. 10 A, ou nesta cidade, no armazém de louças, Largo da Sé, com Manoel Pedro dos Santos Vianna.

200000

Ha 3 meses mais ou menos fugiram da fazenda do Chapéu de Sol pertencente a Eugenio Joly no distrito de Bethlém de Jundiahy um casal de escravos com os signaes seguintes: Jacintho, creoulo, de 25 annos mais ou menos, bem preto, estatura regular, bem reforçado de corpo, trabalha bem no oficio de pedreiro, traz barba só no queixo inferior e bigodes. Levou em sua companhia a escrava Maria, mulata clara de 23 annos, cabellos crespos, estatura regular, magra, tem boa dentadura. Dá-se a gratificação acima mencionada a quem capturá-los e entregá-los a Eugenio Joly na villa de Bethlém de Jundiahy. Bethlém, 22 de Março de 1869.

Eugenio Joly.

ATTENÇÃO

PHOTOGRAPHIA ROMANA  
29 RUA DE S. BENTO 29

EM FRENTE DA CASA DO EXM. SR.  
SENADOR QUEIROZ

O dono deste novo estabelecimento participa ao respeitável publico e seus freguezes que, tendo feito desde esta data um grande abatimento de preços nunca vistos nesta cidade, oferece-se a tirar retratos de todo os sistemas conhecidos; portanto espera do mesmo publico a sua concurrencia para acertar-se da veracidade do presente anuncio.

O anunciente obriga-se a servir os freguezes debaixo de toda delicadeza possível, oferecendo aos mesmos anteriormente um retrato de amostra para melhormente convencer os freguezes da perfeição do seu trabalho.

Preços

Cartões de visita a duzia 6000  
, , , , , meia duzia 48000

GUARDA-LIVROS

Uma pessoa habilitada em escripturação mercantil oferece-se para escrever em casas commerciaes, por qualquer dos sistemas conhecidos, mediante modicas gratificações.

Para tratar em casa do sr. Antonio da Costa Coelho.

24 — Rua do Commercio — 24

ATTENÇÃO

De Júlio Lopes de Oliveira, de Sorocaba, fugiram os seguintes escravos:

João, mulato claro, altura regular, cara chata, testa pequena, barba no queixo, bons dentes, tendo a carreira de cima um pouco entrada para dentro, unha cicatriz grande nas cadeiras, levando calça e jaqueta de panno azul com vivos encarnados e botões de metal branco com a letra — P — e chapéu preto envernizado.

Nervindo, mulato, cabellos abrigalhados, altura menos que regular, corpo grosso, o beijo superior saliente, levando calça de riscado, paletot de casimira grossa e chapéu de panno pardo de cópia alta.

Antonio, cor preta, bem barbado, bons dentes, rosto comprido, testa grande com entradas, corpo grosso, altura menos que regular, e muito quieto, levando calça e camisa fina e chapéu de juncos novo.

Gratifica-se bem a quem os entregar nesta cidade de S. Paulo aos srs. Antonio Proost Rodovalho, Irmão & C., ou ao dito seu senhor na cidade de Sorocaba.

Fugiu de Francisco de Paula Cruz, da cidade de Jundiahy um escravo de nome André, creoulo, com os signaes seguintes: cabra, cabelo rente, altura regular. Levou um ponche velho e alguma roupa fina. Julga-se ter o mesmo ide para o lado da cidade de S. Paulo, onde é muito conhecido. Foi escravo do coronel Joaquim Floriano de Toledo. Gratifica-se a quem prendê-lo e entregar em S. Paulo ao sr. Malacaias R. de Salles Guerra a em Jundiahy ao sr. Luiz Antonio de Oliveira Cruz.

HISTORIA DA REGENCIA

ESTUDO SOBRE O ENSAIO DO REGIMEN DEMOCRATICO NO BRAZIL

POR

SALVADOR DE MENDONÇA

Acha-se aberta no escriptorio da redacção do « Ypiranga » uma lista de subscriptores para esta obra, cujo producto será applicado á aquisição de uma pedra para a sepultura do ex-regente Feijó.

A importancia das assignaturas tomadas só será paga no acto da entrega da obra, publicando-se o resultado da subscripção.

SALÃO ACADEMICO COMMERCIAL

PARA CORTAR, LAVAR, FRISAR OS CABELLOS E FAZER A BARBA

N. 8 LARGO DE PALACIO N. 8

O abaixo assignado, querendo em tudo satisfazer os justos pedidos de seus numerosos amigos e freguezes, resolveu mandar contratar um habil artista de cabelleireiro, especialissimo em penteados de senhoras, em fazer qualquer enfeite de cabello para os mesmos penteados, assim como encarrega-se de fazer chinós, cabelleiras, coques, laços, etc. Tudo por preços muito modicos e a contento de seus amigos e freguezes. Na mesma casa continua a haver grande sortimento de charutos de Havana, hamburguezes e nacionaes, os mais finos e modernos extractos, oleos, sabonetes, tinturas para tingir os cabellos, etc., etc.

S. Paulo, 29 de Abril de 1869.

AVELINO DE SOUZA FIGUEIREDO.

BRAGANÇA

Fazemos vêr aos nossos freguezes que este anno podemos abreviar o descarregamento do algodão, porque acham-se duas machinas assentadas em uma só casa para este fim, o que muito facilita aos srs. que tenham algodão para descarregar de poderem remetter com mais brevidade e alcançar melhor preço em Santos.

Contamos com os nossos freguezes, afiançando sempre o bom enfardamento, e que para este fim estaremos sempre á testa do trabalho.

Rogamos aos nossos freguezes que, no tirarem os fardos da fabrica — façam prompto pagamento — do enfardamento, para no fim não haver duvida, e mesmo o nosso trabalho permite que seja assim, e o bom freguez não desconhece.

Bragança, 18 de Abril de 1869.

Antonio Braga & Irmão.

ESCRAVA PARA VENDER-SE

Vende-se por preço comodo uma escrava de 18 a 20 annos, que sabe lavar, cosinar e engomar, e muito propria para roça por ser muito sadia e robusta. Quem quiser dirijir-se á rua do Commercio n. 35, n. 36, n. 37.

ARMAGÃO PARA VENDA

Na travessa do Collegio, n. 1, (esquina,) vende-se uma ainda não ocupada.

Este estabelecimento, perfeitamente montado, dispondo de uma variada collecção de typos modernos, incumbe-se de quaesquer trabalhos, ou sejam obras em volume, ou avulsas, preços correntes, facturas, contas, cartões, circulares, etc.

Garante-se brevidade, nitidez e modicidade de preços.

S. Paulo, typ. de « Ypiranga », rua do Carmo n. 71